

“JORNALISMO INTERESSANTE ACONTECE QUANDO JORNALISTAS TESTAM NOVAS IDEIAS, TENTAM NOVAS FORMAS DE REPRESENTAR A ECONOMIA, E NÃO SE DEIXAM INTIMIDAR PELA AUTORIDADE DA EXPERTISE ESTABELECIDADA” UMA ENTREVISTA COM TIAGO MATA

Tomás UNDURRAGA*

Contexto da entrevista

Esta entrevista ocorreu em 21 de maio de 2025 e explora a abordagem de Tiago Mata para o estudo do debate econômico público a partir de uma perspectiva dos estudos da ciência.

Perfil do entrevistado

Tiago Mata é professor do Departamento de Estudos de Ciência e Tecnologia do University College London. Tomás Undurraga é professor e chefe do Departamento de Sociologia da Universidade Alberto Hurtado, no Chile. Eles trabalharam juntos entre 2012 e 2016 em um projeto financiado pelo Conselho Europeu de Pesquisa intitulado “*Economia na Esfera Pública: Reino Unido, EUA, França, Brasil e Argentina desde 1945*” — no qual Tiago foi o Investigador Principal e Tomás um pesquisador de pós-doutorado estudando a mídia brasileira.

Tomás Undurraga: *Você é um historiador da economia com formação em estudos de ciência e tecnologia — uma combinação nova e fascinante. Como forma de apresentação, poderia nos contar sobre sua formação acadêmica, suas primeiras curiosidades intelectuais e como você chegou a se concentrar nessa abordagem interdisciplinar?*

* Doutorado em Sociologia pela Universidade de Cambridge. Orcid 0000-0003-4267-5826 tundurraga@uahurtado.cl.

Talvez um bom ponto de partida seja Portugal e minha primeira graduação, que não foi em História. Por diversos motivos pessoais que não vale a pena detalhar, eu pretendia estudar Economia, mas tinha uma escolha. Existem várias faculdades de Economia em Lisboa, minha cidade natal. Naquela época, havia basicamente duas opções, duas faculdades. Uma era uma faculdade de Economia mais antiga, e a outra mais recente, chamada literalmente de “Universidade Nova”. Como é comum no ensino de Economia na maior parte da Europa Continental, as faculdades desenvolvem fortes identidades político-partidárias. Então, uma era de esquerda e centro-esquerda, localizada com vista para o Parlamento Nacional, a outra era de direita e centro-direita e não muito longe de uma prisão famosa. Deixo para vocês adivinharem qual escolhi... Isso aconteceu antes da homogeneização dos cursos de graduação na Europa, conforme definido pelo Tratado de Bolonha. O curso não era apenas mais voltado para a esquerda, mas também era disciplinarmente diverso: cursei um pouco de finanças, muita macroeconomia, microeconomia e econometria, mas também estudamos sociologia, história econômica, desenvolvimento, história das ideias e filosofia. E no meu último ano, fiz uma disciplina de história da economia e foi então, lendo sobre os estudiosos por trás das ideias, que algumas coisas que eu havia aprendido começaram a fazer sentido. Finalmente, havia uma abordagem que combinava com a forma como meu cérebro funcionava. Sabe, enquadrar as teorias em um contexto social de várias maneiras. Não apenas o contexto biográfico, mas também os antecedentes das estruturas sociais e econômicas da época. Simplesmente parecia certo, era mais interessante também. Os conceitos ganharam corpo, um peso, que não tinham quando me eram explicados formalmente ou empiricamente. De lá, segui para um mestrado em economia em Cambridge. Tinham me dito que era um lugar heterodoxo, o que acabou sendo propaganda enganosa. Logo depois disso, tive a oportunidade de financiar um doutorado. Naquela época, havia bolsas de estudo muito generosas para portugueses estudarem no exterior, e eu escolhi — por conselho de um dos meus professores em Lisboa, que por acaso também era líder de um importante partido de esquerda — ir para a London School of Economics (LSE) para trabalhar com Mary Morgan em um projeto de história da economia.

Mary Morgan sempre foi uma historiadora com inúmeras conexões intelectuais, principalmente com filósofos da ciência. Foi por meio dela que tomei conhecimento dos estudos da ciência e da sociologia da ciência. Certo dia, durante uma supervisão, ela me entregou uma cópia impressa do ensaio de Thomas Gieryn (1995) sobre o trabalho de delimitação de fronteiras. Foi uma sugestão brilhante, perfeita para o tipo de pesquisa que eu queria fazer. Eu queria estudar as ideias das pessoas com quem eu tinha alguma afinidade. Novamente, economistas progressistas e heterodoxos, que era o que eu conhecia, tentando entender (para mim mesmo) de onde essas ideias vinham e o que elas estavam fazendo. A sociologia da ciência tornou-se uma espécie de andaime para organizar e justificar esse interesse e essa análise.

“Jornalismo interessante acontece quando jornalistas testam novas ideias, tentam novas formas de representar a economia e não se deixam intimidar pela autoridade da expertise estabelecida” Uma entrevista com Tiago Mata

E sabe, o trabalho transforma o trabalhador. A sociologia deixou de ser um andaime e se tornou um portal pelo qual eu passei. Quanto mais eu questionava credibilidade e poder, menos a economia me interessava e mais interessante se tornava todo o resto. Com o tempo, o plano de fundo se tornou o primeiro plano. Os temas que para os historiadores econômicos convencionais eram apenas contexto para o texto, tornaram-se cada vez mais a própria história para mim.

Tomás Undurraga: *Isso é fascinante. Então, a centralidade do contexto tornou-se a protagonista da história que você queria contar. E quais foram seus próximos passos, institucionalmente falando? Você foi para os EUA fazer um pós-doutorado? Ou foi primeiro para a Holanda?*

Após concluir minha graduação na LSE, fiz um breve pós-doutorado no STS, University College London, onde estou atualmente, trabalhando com uma pesquisadora incrível chamada Jane Gregory. Ela escrevia sobre dissidência nas ciências naturais e tinha acabado de publicar um livro sobre um astrônomo britânico controverso, Fred Hoyle. Ela se interessava por cientistas não convencionais não principalmente por suas ideias incomuns, mas pela forma como eles se comunicavam com o público em geral. Foi por meio dela que me interessei por mídia e pela comunicação de ideias como momentos criativos. Quando chegou a hora de escrever um projeto de pós-doutorado, usei o que havia aprendido naqueles oito meses intensos na UCL. Esse se tornou meu primeiro pós-doutorado na Universidade Duke. Acabei interrompendo o pós-doutorado porque consegui um emprego de professor em Amsterdã, e foi lá que expandi essas ideias para uma proposta ao Conselho Europeu de Pesquisa que não se concentrava mais em como os economistas se comunicam — como eu havia começado na UCL e continuei em Duke — mas sim em jornalistas. Essa foi a reviravolta crucial. Ao explicar isso para você, fica claro para mim o quanto tudo isso foram passos iniciais, desde o trabalho com economistas incomuns, passando pelo interesse em como eles se comunicavam além de seus grupos de pares, até finalmente nos voltarmos para as práticas jornalísticas. Ao longo de todo o processo, o que antes era contexto tornou-se o próprio tema. Não houve grandes saltos no escuro. Tudo muito bem fundamentado e incentivado pela hibridez disciplinar que caracteriza os estudos de ciência e tecnologia.

Tomás Undurraga: *Isso ajuda a entender melhor a evolução da sua pesquisa, desde o estudo de economistas até o estudo de jornalistas, e da análise do contexto dos fenômenos para tornar esse contexto o foco principal da sua pesquisa. Gostaria de lhe perguntar um pouco mais sobre seu trabalho a respeito da economia radical e o ressurgimento da esquerda na América do Norte durante as décadas de 1960 e 1970. Você explorou como esses movimentos introduziram novas formas de pensar*

sobre a economia, a expertise e a justiça social. Como você explica a ascensão dos economistas como especialistas públicos?

Então, esse trabalho levou vinte anos para ser concluído, e o livro será lançado no próximo ano (MATA, 2026). Tudo começou com meu doutorado — que pode ser acessado pelo site da LSE, intitulado “*Dissent in Economics*” (Dissidência em Economia). Foi um estudo sobre por que os economistas discordam. O foco foi o problema internalista de como uma disciplina que parecia coesa e homogênea em meados do século XX começou a se fragmentar em posições antagônicas e doutrinárias a partir de meados da década de 1960. Portanto, trata-se de um problema na história das ciências sociais. Estudei duas comunidades, os pós-keynesianos e os economistas radicais, questionando como cada uma delas se identificou como distinta da corrente neoclássica dominante que as formou. Qual era a base de sua crítica? Como se estruturaram intelectualmente e como grupo social? Foi aqui que o recurso de delimitação de fronteiras se mostrou útil, pois me permitiu analisar uma crise de credibilidade dentro da disciplina de economia sem me limitar a ela, e também incluir na análise os atores e grupos externos aos quais os economistas apelavam — como movimentos estudantis, movimentos por justiça social, formuladores de políticas etc. Felizmente, os dois grupos que escolhi se revelaram muito diferentes. Um estava enraizado em uma tradição dentro da economia: os pós-keynesianos resgatavam uma tradição de Cambridge que unia J.M. Keynes e Alfred Marshall. Eles se apresentavam como elitistas, orientados para políticas públicas e com visão de mundo. Em contraste, a identidade do economista radical estava ligada à contracultura da Nova Esquerda e à ciência ativista para a mobilização de massas. Ethos muito diferentes, embora concordassem em muitos pontos doutrinários específicos. A dissertação tratava, na verdade, de trabalhar a partir desses contrastes e se concentrava nos primeiros anos de ambos os grupos e em seus movimentos de diferenciação e demarcação. Mas então comecei a escrever um livro, que inicialmente seria a dissertação com alguns acréscimos. Ao longo dos anos, devido à relação simbiótica e, por vezes, parasitária que o livro manteve com todos os outros projetos que desenvolvi, ele acabou se tornando algo diferente. Passou a tratar exclusivamente de economistas radicais e do papel do conhecimento na mobilização e direcionamento da política socialista de base nos EUA. Assim, deixei de contar a história de como acadêmicos se unem na disciplina para desenvolver uma narrativa mais ampla sobre como esses mesmos economistas desistiram de tentar mudar sua área de atuação e passaram a ministrar cursos de verão para ativistas, escrever panfletos, desenvolver gêneros de jornalismo cidadão e contribuir com sua expertise para think tanks alternativos pró-trabalhistas e pró-feministas. Voltando à sua pergunta, o livro se tornou uma história sobre a expertise econômica de esquerda. Ele não abandona completamente a ideia de que os economistas têm

“Jornalismo interessante acontece quando jornalistas testam novas ideias, tentam novas formas de representar a economia e não se deixam intimidar pela autoridade da expertise estabelecida” Uma entrevista com Tiago Mata

respostas importantes, mas defende que sua contribuição especializada deve ser avaliada em relação às demandas da democracia participativa.

Tomás Undurraga: *É interessante observar como essas duas formas distintas de influenciar a política — uma mais tecnocrática e outra mais voltada para a base — têm estado em tensão na política de centro-esquerda nos últimos 50 anos. Pensando no caso chileno, porém, em que economistas na esfera pública gozam de grande prestígio como especialistas, a abordagem tecnocrática certamente tem maior presença do que o movimento popular. Embora existam poucos economistas ativistas de esquerda com atuação pública, a combinação tecnocrática de cima para baixo, orientada para os formuladores de políticas, é a norma.*

Talvez não no Chile, mas creio que a abordagem de base não seja tão incommon, embora as estruturas institucionais da América do Norte sejam importantes. A preponderância de think tanks, por exemplo, é um elemento crucial nesse contexto. Poucos países contam com uma variedade tão grande de organizações não governamentais de pesquisa bem fundamentadas para realizar análises e debates políticos como os Estados Unidos. Em Portugal, por exemplo, a disciplina econômica tem um caráter mais hierárquico ou elitista, e o setor público é importante no fornecimento de conhecimento especializado; as regras de acesso à esfera pública e a forma de conduzir o embate de ideias são necessariamente diferentes. Curiosamente, como nação periférica, há tentativas de importar o modelo americano de think tank progressista, em particular uma instituição chamada Instituto de Política Econômica (EPI, na sigla em inglês), em Washington, D.C. O EPI foi financiado inicialmente pela AFL-CIO (Federação Americana do Trabalho e Congresso das Organizações Industriais) e pela UAW (United Automobile Workers), os sindicatos, e tem raízes na economia radical. Tem raízes na minha história de dissidentes e foi praticamente irrelevante durante décadas, até se tornar extremamente relevante nos últimos 20 anos. Muitas das pessoas associadas ao EPI estavam envolvidas no governo Biden, então, de repente, pela primeira vez, estavam do lado de Washington. Outros países imitam esses modelos e estratégias dos EUA, esses think tanks, mas os efeitos nunca são os mesmos.

Tomás Undurraga: *Vamos falar sobre o projeto Economia na Esfera Pública. Entre 2012 e 2016, você liderou um importante projeto do Conselho Europeu de Investigação intitulado Economia na Esfera Pública: Reino Unido, Estados Unidos, Brasil e Argentina desde 1945, no qual tive a oportunidade de trabalhar com você. Poderia nos contar sobre o que era esse projeto e quais foram suas principais conclusões?*

Agora deve ser fácil perceber como este projeto se encaixa. Durante todo esse tempo, eu estava nessa jornada da economia para este campo, que alguém próximo a mim descreveu como “um lugar para desajustados”. Os estudos da ciência são um lugar para desajustados, para pessoas que trabalham em espaços intersticiais ou que são inconformistas disciplinares.

Então, do que se tratava o projeto *Econpublic*? O projeto tinha como objetivo analisar o papel dos jornalistas na construção da esfera econômica pública. Eu ouvia com frequência que os jornalistas eram desprezados pelos economistas, e isso não me parecia correto, considerando as frequentes parcerias que eu observava entre profissionais da mídia e economistas. Ao analisar a literatura de Estudos Sociais da Ciência e da Tecnologia (ESCT), também me questionei: se os cientistas produzem conhecimento em público, por que não tratar os jornalistas como produtores de conhecimento? Se adotarmos o princípio da simetria dos ESTCT — David Bloor, Barry Barnes e o Programa Strong em Sociologia do Conhecimento, Michael Callon e a sociologia da tradução — segundo o qual a produção de conhecimento não é domínio exclusivo de cientistas renomados, as questões sobre o conhecimento se tornam muito mais interessantes. É claro que os laboratórios são locais privilegiados para a produção de conhecimento científico, mas a produção de conhecimento não se limita às suas portas. O que aconteceria se deixássemos de lado o duplo preconceito de que o jornalismo se resume a um heroísmo de “dizer a verdade ao poder” ou ao seu oposto, a venalidade corrupta? Não deveriam os jornalistas trabalhar para dar sentido à economia e à sociedade e questioná-las?

Tudo começou com essa possibilidade, essa dedução simétrica. Concebi o projeto como um estudo dessa ideia, buscando exemplos em que pudéssemos estudar jornalistas desbravando novos caminhos, sistematizando, adotando e adaptando as ciências sociais. E, durante todo o processo, utilizei as expressões idiomáticas dos Estudos Sociais da Ciência e da Tecnologia (ESCT) para dar sentido a tudo isso.

As outras características desse projeto que você conhece bem — a comparação entre os debates públicos em diferentes países — EUA, Reino Unido, França, Brasil e Argentina — e o papel dos gêneros jornalísticos nesses debates, foram em parte reflexo do sistema de financiamento. Eu sabia que havia uma certa preferência no Conselho Europeu de Pesquisa por abordagens comparativas, então pensei em quais países eu poderia trabalhar que também me permitissem analisar as questões que eu queria examinar. Questões como o status da economia como profissão. Eu queria alguma variabilidade na composição da esfera midiática. A gente tem uma noção do tamanho do campo de atuação. Com que tipo de areia se pode brincar? Quais são as ferramentas necessárias? O desafio é chegar a algo coerente, e foi isso que tentei fazer.

Mas a essência sempre foi essa intuição de que poderíamos analisar o jornalismo através de uma lente CTS (Estudos Sociais da Ciência e da Tecnologia), não

“Jornalismo interessante acontece quando jornalistas testam novas ideias, tentam novas formas de representar a economia e não se deixam intimidar pela autoridade da expertise estabelecida” Uma entrevista com Tiago Mata

como uma canalização da ciência econômica e independentemente de o público a aceitar ou não, mas sim como uma tese sólida: estudar a própria jornalista como alguém que faz algo não tão diferente de possuir conhecimento socioeconômico qualificado.

Tomás Undurraga: *Bem, o projeto original incluía a Polônia em vez da Argentina, por exemplo, devido ao forte papel dos movimentos sociais no debate econômico público. Considerando a história singular de cada um desses países, o que você acha que foi mais interessante compreender sobre as diferenças entre eles e o que eles têm em comum?*

Talvez você também possa responder a esta pergunta, pois não tenho uma visão particularmente privilegiada sobre o assunto. Observamos as mesmas coisas, trabalhamos com o mesmo material. Acredito que chegamos à conclusão de que o status da profissão de economista entre os países não era muito relevante. Quando nos aproximamos dos jornalistas e do que eles faziam, as características do campo do jornalismo e da mídia se tornaram mais pertinentes ao problema, o que não é nenhuma surpresa.

Também observamos uma tendência ao universalismo ou à homogeneidade nas notícias financeiras e empresariais. Uma espécie de emulação transfronteiriça. É um campo muito internacionalizado. Parte daquela presunção nacional inicial teve que ser moldada por esse processo de imitação ou modelagem. A proeminência do *The Economist* era onipresente, embora mais acentuada em meados do século XX do que em anos mais recentes. Todos conheciam o *The Economist* e se posicionavam em relação a ele. Sempre o entendiam de maneira ligeiramente diferente, e também havia o *Financial Times* ou o *The Wall Street Journal* no cenário. Existiam alguns pontos de referência muito óbvios para muitos jornalistas.

Também me impressionou a sua contribuição para o projeto: a forma como os jornalistas constroem os mercados em constante diálogo com o mercado. Quando leio trabalhos sobre a sociologia da quantificação ou os estudos sociais das finanças, lembro-me de que os jornalistas também estão sempre presentes nessas histórias, fornecendo parte da infraestrutura de informação que sustenta os mercados e cria valor. É evidente que os jornalistas fazem parte dos jogos de números que, por sua vez, fazem a economia funcionar.

Tomás Undurraga: *Uma das descobertas mais fascinantes da minha pesquisa empírica no Brasil — e também na Argentina e no Chile — foi reconhecer os diferentes níveis de reputação e status científico atribuídos a economistas em comparação com jornalistas. Os jornalistas eram geralmente percebidos como ocupando uma posição menos privilegiada em relação aos economistas. No entanto, apesar desse*

desequilíbrio, ambos os grupos dependem um do outro (Undurraga, 2018). O que particularmente me impressionou foi o trabalho de delimitação que os economistas realizam para manter a exclusividade de sua jurisdição profissional. Os economistas frequentemente se afirmam como os únicos especialistas legítimos capazes de abordar questões econômicas. Esse trabalho de delimitação foi notavelmente eficaz em definir quem está — e quem não está — autorizado a participar do debate econômico público. Reforçou o domínio da expertise técnica, ao mesmo tempo que excluiu, em grande parte, vozes mais críticas ou alternativas desse espaço.

Essa é uma análise poderosa de algumas esferas econômicas públicas da América Latina, mas devemos ter cautela ao generalizar. Não é tão relevante nos EUA ou na Grã-Bretanha. Uma maneira rápida de entender essas diferenças seria observar uma menor dependência do capital cultural em favor do capital social. O capital social entre jornalistas do Reino Unido e dos EUA é tal que não há uma deferência óbvia para com o professor especialista. Não acredito que os jornalistas se sintam intimidados ou sejam deferentes com as fontes simplesmente por serem professores de Harvard ou algo semelhante. Eles também não são antagonistas ou confrontadores. Alguns desses jornalistas são elites por direito próprio, com diplomas de universidades da Ivy League, se não em economia, pelo menos em ciências humanas. Portanto, acho que eles não se impressionam facilmente e são muito autoconfiantes. Vimos isso claramente nos depoimentos que coletamos em uma coletânea recente, *“Economics as News”* (Mata, 2023). As declarações dos jornalistas foram muito semelhantes, dizendo: “Sou um impostor, mas não me importo”, e até pareciam orgulhosos disso. Eles precisam interpretar o que os economistas dizem e contar uma história, que é o que um economista faria, porque é isso que o jornal ou o veículo de notícias espera que façam. Precisam interpretar eventos, ler os mercados e explicar opções políticas, sem um diploma em economia. Aprendem a fazer isso e ficam felizes em fazê-lo. Portanto, não se deixam abalar por essa cautela ou tabu de não se passar por especialista.

Tomás Undurraga: *Vamos falar sobre essa ideia de estudar a redação como um espaço de conhecimento. Inspirando-nos nos estudos de laboratório de Latour (Latour & Woolgar, 1979), que argumenta que os fatos científicos não são simplesmente descobertos, mas também construídos socialmente por meio de práticas, negociações e materialidades, no projeto Econpublic estudamos as redações a partir dessa perspectiva.*

A recepção desse lado da pesquisa tem sido muito especial. Sempre que apresentei este trabalho, houve simpatia pela ênfase dada às práticas. Em parte, isso se deve ao fato de eu tê-lo apresentado para públicos onde o jornalismo não

costuma ser um tema ou objeto de investigação, já que nunca o havia apresentado em uma conferência de estudos da comunicação. Bem, na verdade, apresentei parte do trabalho na Escola de Jornalismo da Universidade Columbia e tive a honra de contar com uma plateia muito ilustre — incluindo Herbert J. Gans, que faleceu no mês passado. Para aqueles que acreditam no valor do trabalho etnográfico em redações, acho que nossa abordagem parece muito plausível.

Acho que um dos problemas é que realmente não temos muito a dizer aos jornalistas que enfrentam, em tempo real, um ataque à sua profissão. De certa forma, não temos nada a lhes dizer. Não temos uma solução para o modelo de negócios do jornalismo ou para a crescente precariedade na profissão. Nosso trabalho aborda algo quase alheio ao jornalismo nesse sentido visceral. Trata-se mais de cultura pública, em uma definição muito específica. Não se trata do problema da casa em chamas que os jornalistas enfrentam agora. Portanto, acho que nossa contribuição não teve a urgência necessária para se destacar em comparação com alguns dos outros temas em discussão. Certamente temos algo a dizer sobre o valor social do jornalismo. Mostramos como os jornalistas participam de canais cruciais de informação e conhecimento, ajudando uma economia e uma sociedade modernas a funcionar. É difícil imaginar um sem o outro, mesmo enquanto caminhamos nessa direção. E acho que o projeto ainda não foi compreendido dessa forma; nunca o explicitamos.

Tomás Undurraga: *Em minha própria experiência apresentando os resultados de trabalho de campo etnográfico realizado nas redações do Valor Econômico, em São Paulo, e da Globo, no Rio de Janeiro (Undurraga, 2017a, 2017b, 2018), frequentemente me deparei com surpresa — particularmente em conferências de sociologia no Brasil — sobre como consegui acesso a esses espaços. Do ponto de vista da sociologia acadêmica brasileira, tende a haver um nível significativo de desconfiança entre as principais instituições de mídia e os pesquisadores. Muitos cientistas sociais são recebidos com suspeita ao se aproximarem de redações de notícias financeiras ou de grandes conglomerados de mídia como a Globo, muitas vezes devido a noções preconcebidas sobre a perspectiva crítica ou ideológica que se presume que eles tragam. O que acredito ter facilitado meu acesso — e até mesmo criado uma disposição receptiva entre os jornalistas — foi a questão sobre a produção de conhecimento no jornalismo — e provavelmente o fato de virmos de Cambridge. Em vez de focar na ideologia ou na relação da mídia com o capital, questionei o jornalismo como uma forma de produção de conhecimento. Essa abordagem era nova para eles. Não se tratava de examinar suas crenças ou afiliações institucionais, mas de entender como eles, enquanto jornalistas, produzem e transmitem conhecimento sobre a economia. No Valor Econômico, eles tinham muito orgulho de sua própria história, então talvez tenham pensado que essa era uma forma de mostrá-la e compartilhá-la.*

Curiosamente, isso nunca funcionou para mim... nunca me abriu portas! No contexto americano, todo o trabalho que consegui realizar foi por meio de entrevistas e pesquisa em arquivos. E o motivo sempre foi claro, como me disseram certa vez: “Quero um acadêmico bisbilhotando o que fazemos? Passo.” É uma variação do que discutimos antes: nenhuma demonstração de respeito. Eles acham que isso não lhes traz nenhum benefício. Dá mais trabalho do que compensa, prevendo uma possível perda de reputação no futuro.

Um último ponto sobre o projeto Econ Public que se relaciona com a sua experiência. Não tínhamos a intenção de contribuir para os estudos de comunicação ou jornalismo, mas sim de aprender com o trabalho dos jornalistas. Não estávamos necessariamente buscando lições para ensinar a eles. O projeto, de fato, lançou luz sobre as melhores práticas. Na prática, buscamos casos que confirmassem nossa intuição. E acho que há também uma lição, talvez, de ousadia: o jornalismo interessante acontece quando os jornalistas experimentam novas ideias, novas formas de representar a economia e não se intimidam com a autoridade da expertise estabelecida. A natureza efêmera do jornalismo incentiva a liberdade de experimentar.

Outro tema que tenho explorado recentemente é a nova sociologia econômica, a teoria pós-rede de atores. Refiro-me ao trabalho de Michel Callon e seus colaboradores, iniciado na década de 1990, que agora integra o amplo conjunto de estudos sociais das finanças, contabilidade crítica e estudos de valoração. Só recentemente me dei conta de como nosso trabalho era semelhante ao deles. Isso se reflete no papel da indexação, do cálculo e da comensurabilidade em suas diversas vertentes. Como lidamos com o jornalismo econômico e financeiro, onde as práticas são replicadas entre o mundo empresarial, a academia e o jornalismo, nossas descobertas se conectam mais com a sociologia econômica do que com os estudos da comunicação.

Tomás Undurraga: *Concordo plenamente. Em minha própria pesquisa, fui inspirado pela nova sociologia econômica (McFall e Ossandon, 2014), especialmente pelos estudos de valoração. Senti-me motivado a compreender essas disputas sobre como produzir valor e como a promessa do Valor Econômico — de produzir valor econômico por meio de notícias — se concretizou. O trabalho de David Stark (2009) sobre o valor da dissonância e como as organizações produzem valor quando conseguem manter repertórios heterárquicos de estruturas de valoração foi uma grande contribuição para nossa pesquisa.*

Sim, você entendeu isso antes de mim. E essa é uma das principais conclusões dessa pesquisa. A noção de que esse conhecimento social, esse conhecimento econômico, não acontece de forma hierárquica. O conhecimento não vem da academia

“Jornalismo interessante acontece quando jornalistas testam novas ideias, tentam novas formas de representar a economia e não se deixam intimidar pela autoridade da expertise estabelecida” Uma entrevista com Tiago Mata

para depois ser aplicado e traduzido em jornalismo. Mas acontece por meio de um exercício distribuído de reconfiguração. Usamos o termo bricolagem, de Engelen e seus colegas, em nossa discussão sobre esse ponto. Esse exercício de construir algo que seja, de certa forma, novo, feito de pedaços de várias coisas, encontrei bastante disso em documentos editoriais onde editores e diretores perguntavam como reinventar nossa revista ou nossa cobertura econômica. Quais são os elementos que devemos implementar? Quem deve fazer essa reportagem? Devemos contratar estatísticos? Devemos contratar economistas? Em quais funções? Pedimos a um estatístico para reunir tudo ou a um redator de narrativa? Como sintetizamos uma semana de indústria e comércio, por meio de números, por meio de histórias ou por uma combinação de ambos? Todas essas discussões editoriais giram em torno de modelos, mas são modelos impuros que estão constantemente sendo reinterpretados e reinventados. Nessas discussões, você vê sem rodeios o que está em jogo. Você fica sabendo de todos os tipos de pressões e exigências que uma publicação sofre para ter sucesso. Tudo isso é exposto. Pelo menos, foi isso que encontrei, por muita sorte, nos arquivos de algumas revistas americanas.

Tomás Undurraga: *Você também estudou o papel da mídia impressa na formação da cultura de gestão — particularmente como o conhecimento econômico e as estatísticas são comunicados por meio de revistas de negócios nos Estados Unidos. Você deu atenção especial à Fortune e à Businessweek como veículos privilegiados (Mata, 2011). Por que você escolheu essas revistas em particular? Poderia nos contar mais sobre essa pesquisa?*

Parte desse trabalho contribuiu para o projeto ECONPUBLIC (Mata, 2018), que tratava da representação da economia. O que importa? Como contabilizamos? Para quem estamos contabilizando? Um fato conhecido, mas pouco reconhecido, é que revistas e publicações impressas foram pioneiras na representação numérica da economia. Celebramos e admiramos os institutos de estatística, mas antes deles, publicações de grande circulação já indexavam comércio, preços e atividade industrial. Quando isso aconteceu, no final do século XIX e início do século XX, essas revistas eram diferentes do que são hoje: estavam intimamente ligadas à indústria e às profissões. Assim, participavam dos processos de profissionalização da gestão e da engenharia. Eram ferramentas para o aspirante a profissional; somente muito mais tarde se tornaram mais como entretenimento informativo. Hoje, encontramos essas publicações à venda em aeroportos ou estações de trem; naquela época, eram publicações por assinatura entregues nos escritórios da mídia e alta gerência. Assim, eles se encaixavam em uma ecologia particular de profissionalismo e especialização, e foram pioneiros naquilo que hoje consideramos como funções normais do Estado estatístico.

Tomás Undurraga: *Ótimo. Se revistas de negócios como Fortune e Businessweek foram cruciais no século XX — não apenas para moldar as representações econômicas, mas também para legitimar o capitalismo corporativo, particularmente nos Estados Unidos — que tipos de mídia você acha que desempenham esse papel hoje? Ou, em outras palavras: onde estão sendo produzidas e disseminadas atualmente as ideias e ideologias que renovam e justificam o capitalismo?*

Bem, a *Wired* tem sido uma parceira crucial para o surgimento da cibercultura e das mitologias do Vale do Silício. Portanto, é uma publicação interessante, que talvez não tenha sido influente em termos de número de leitores, mas certamente um ator importante na afirmação da ideologia californiana. Eu estava pensando nisso hoje mesmo. Estava orientando um aluno que quer trabalhar com *Fintech* e, pela primeira vez, estava pesquisando revistas sobre *Fintech*. Mas não devemos pensar apenas nesses formatos. Também tenho um aluno trabalhando com comunidades organizadas por meio de blockchain. Acho que a cultura impressa e seus equivalentes digitais continuam vitais hoje. A chave não é buscar tamanho e reconhecimento. Quando a *Business Week* e a *Fortune* estavam na vanguarda, suas tiragens eram pequenas, você não as encontraria em bancas de jornal. Elas nunca foram dominantes e hipervisíveis. Continua sendo crucial pensar por escrito e ter conteúdo extenso, então eu diria que qualquer nova dimensão interessante da nossa economia ou política terá um período de formato longo viável, impresso ou digital, aberto, pago ou em blockchain.

Tomás Undurraga: *Dado o estado atual das coisas, pode-se argumentar que a esfera pública está em turbulência. Estamos testemunhando uma crescente fragmentação, uma polarização cada vez maior, uma crise de credibilidade para as instituições jornalísticas tradicionais e a ampla circulação de desinformação. Nesse contexto, como você vislumbra o futuro do debate público sobre economia?*

Acho que estou otimista, é um sentimento novo para mim, não costumo ser otimista facilmente. Por que me sinto assim? Acho que estou presenciando um desmoronamento. Acredito que o perigo era a hegemonia das plataformas e agora elas estão do lado perdedor da história. Vemos pessoas abandonando o *X* em busca de alternativas como *Bluesky* ou *Mastodon*, e isso é significativo. Quando começamos a perceber essa sensação de exaustão e esgotamento (*burn out*) que as redes sociais estão produzindo, chega um momento em que o terreno se torna fértil novamente para que as pessoas façam críticas. Estou familiarizado com o movimento de pais para manter os filhos longe dos celulares o máximo possível. Os pais ainda não perceberam que eles são o problema, que também estão viciados em celulares. Um pequeno passo, mas são coisas que não existiam há cinco anos. Para mim, isso

“Jornalismo interessante acontece quando jornalistas testam novas ideias, tentam novas formas de representar a economia e não se deixam intimidar pela autoridade da expertise estabelecida” Uma entrevista com Tiago Mata

sugere que ainda não vimos o futuro. Este não é o futuro. O futuro é outra coisa. Que haja esperança de nos libertarmos do poder asfixiante das redes sociais, que têm sido, em grande medida, a nêmesis de muita cultura impressa e debate público.

Tomás Undurraga: *Concordo que há alguns vislumbres de esperança nessas reações — tanto no âmbito governamental quanto entre os pais. No entanto, acho muito difícil imaginar a esfera pública funcionando como um espaço amplo e coletivo para o debate de ideias — especialmente em um contexto marcado por polarização, desinformação e fragmentação do discurso. A ideia coesa e unificada da esfera pública — à la Habermas — parece cada vez mais insustentável. Hoje, a esfera pública tem poucos limites claros e, de muitas maneiras, vemos múltiplas esferas públicas coexistindo em paralelo. Isso, a meu ver, representa um sério desafio para qualquer forma significativa de debate público.*

Bem, a esfera pública habermasiana sempre foi um ideal normativo e regulador, certo? Mesmo a narrativa dele é que ela durou apenas um instante, sendo imediatamente subvertida e traída. Portanto, ela não morreu nos últimos 20 anos. Sempre foi um horizonte fugaz que almejamos. E concordo que não é uma má ideia. Seria ótimo, mas não necessariamente algo que devamos endossar como meta de médio ou curto prazo. Acho que nossos objetivos imediatos são proteger a conexão social e o empoderamento político. Meu trabalho atualmente exige que eu passe muito tempo verificando plágio e o uso de *ChatGPT* em avaliações. É uma verdadeira pandemia que aflige o ensino superior. E meus colegas se perguntam por que não estou mais deprimido. Mesmo assim, estou otimista. Acho que houve um momento de entusiasmo com a Inteligência Artificial, e ainda estamos nele, com a crença de que ela pode fazer coisas mágicas e, portanto, pode fazer tudo. Mas estamos caminhando para a constatação de que a situação é bastante grave e não vai melhorar. As pessoas perceberão o que estão perdendo ao depender disso. E essa é a nossa esperança. Nossa esperança é fazer com que as pessoas se lembrem da alegria da conexão humana entre professor e aluno e entre os cidadãos, de fazer o trabalho por si mesmas, de pensar por si mesmas. Que esse é o caminho para uma vida mais saudável, uma forma de viver que afirma a própria existência.

Tomás Undurraga: *Eu só quero acreditar que as pessoas realmente se disporão a realizar o trabalho árduo que tradicionalmente fazemos na academia.*

Parte disso é encontrar prazer em se desconectar. Voltar ao papel, por exemplo, reencontrar o prazer no papel, na lentidão e no trabalho artesanal, encontrar prazer em estar em comunidade e em conexão. É difícil. Talvez você tenha percebido que as pessoas são complexas... Nada disso é fácil. Mas é muito melhor do que as telas e as câmaras de eco em que elas nos aprisionam.

Tomás Undurraga: *Você também escreveu sobre metodologia das ciências sociais e os regimes de financiamento que moldam a pesquisa acadêmica. Diante da recente reação conservadora contra as universidades e o pensamento crítico — no Brasil, nos Estados Unidos e em outros lugares — surgem duas questões: O que as universidades devem fazer para proteger sua autonomia e independência? E onde os cientistas sociais que estudam a esfera pública devem concentrar sua atenção nestes tempos desafiadores?*

Sim, já escrevi sobre isso, e é um dos temas que leciono no University College London. Ministro um módulo chamado Economia Política da Ciência, onde analiso como a ciência é financiada, como é gerida e qual a sua importância. Para mim, a história mais assustadora não é a reação do governo — embora isso seja bastante assustador, principalmente em universidades americanas. Mas acho que a tendência que mais me preocupa é a contínua perda de poder do corpo docente para o controle administrativo. Embora muitas vezes sejam os acadêmicos que ocupam esses cargos administrativos, a forma como esse poder é usurpado do corpo docente enquanto órgão democrático foi exacerbada no atual regime de universidades que competem por alunos em um mercado global. À medida que o ensino superior passou a ser entendido como um produto a ser vendido e as universidades deixaram de ser vistas como instituições cívicas, essa transformação se intensificou. As universidades não estão mais vinculadas a um dever para com um espaço nacional ou a cidadania. Elas não são exatamente para quem oferece o maior lance, mas para quem pode pagar as mensalidades e os custos e tem as notas necessárias para ser admitido. O consumismo legitimou uma centralização de funções e uma lógica de desempenho que se alimenta dessas métricas de reputação que recebem atenção excessiva, rankings globais e coisas do gênero. Vejo isso tendo um enorme impacto no que ensinamos, em como ensinamos e assim por diante. Para mim, essa é a questão mais importante.

Mas, voltando ao momento Trump e a ataques semelhantes contra universidades por parte de nativistas e populistas em outros lugares... seus motivos são claros: eles veem as universidades envoltas em um cosmopolitismo global e como um refúgio seguro para seus antagonistas políticos. Para mim, as linhas divisórias são óbvias. Universidades como Harvard, Princeton e Yale, com seus vastos recursos financeiros, devem lutar porque podem. Universidades que não conseguem sobreviver apenas com seus recursos financeiros, mensalidades estudantis e contratos privados não têm muita alternativa; desobedecer aos financiadores federais teria um enorme impacto material na vida da instituição e de todos ao seu redor. A coerção estatal pode representar uma ameaça existencial para muitas dessas instituições, mas ainda restam algumas que têm o privilégio de demonstrar que todos esses valores aos quais nos apegamos realmente importam e de se

“Jornalismo interessante acontece quando jornalistas testam novas ideias, tentam novas formas de representar a economia e não se deixam intimidar pela autoridade da expertise estabelecida” Uma entrevista com Tiago Mata

manterem fiéis aos seus princípios. Alguém precisa fazer isso, pois muita coisa depende disso. A desobediência civil será o meio mais importante para resistir à era Trump. Se ninguém desobedecer, eles vencerão. Isso é um convite à ação política, em defesa da autonomia acadêmica e de uma vocação cívica que, como eu disse, está sendo comprometida também internamente. Mas acredito que há mérito em defendê-la, tanto de danos externos quanto internos. Caso contrário, qual o sentido de ser acadêmico? Se não tivermos esses mitos para aliviar nosso fardo? Precisamos dessa ficção, precisamos de esperança.

REFERÊNCIAS

BARNES, Barry; BLOOR, David; HENRY, John. *Scientific knowledge: a sociological analysis*. Chicago: University of Chicago Press, 1996.

BLOOR, David. *Knowledge and social imagery*. Chicago: University of Chicago Press, 1976.

CALLON, Michael. Some elements of a sociology of translation: domestication of the scallops and the fishermen of St Brieuc Bay. *The Sociological Review*, v. 32, n. 1 (suppl), p. 196–233, 1984. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1467-954X.1984.tb00113.x>.

ENGELN, Ewald et al. Reconceptualizing financial innovation: frame, conjuncture and bricolage. *Economy and Society*, v. 39, n. 1, p. 33–63, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1080/03085140903424568>.

GIERYN, Thomas F. Boundaries of science. In: JASANOFF, Sheila et al. (org.). *Handbook of science and technology studies*. Thousand Oaks: Sage Publications, 1995. p. 393–407.

LATOUR, Bruno; WOOLGAR, Steve. *Laboratory life: the construction of scientific facts*. Princeton: Princeton University Press, 1979.

MATA, Tiago. Trust in independence: the identities of economists in business magazines, 1945–1970. *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, v. 47, n. 4, p. 359–379, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1002/jhbs.20516>.

MATA, Tiago. The managerial ideal and business magazines in the Great Depression. *Enterprise & Society*, v. 19, n. 3, p. 578–609, 2018.

MATA, Tiago (org.). *Economics as news. History of Political Economy*, v. 55, suppl. 1, 2023. Durham: Duke University Press. DOI: <https://doi.org/10.1215/00182702-10875031>.

MATA, Tiago. *Radical Expectations: How the New Left Changed Economics*. Cambridge: Cambridge University Press. 2026.

MCFALL, Liz; OSSANDÓN, José. What's new in the 'new, new economic sociology' and should organization studies care? In: ADLER, Paul S. et al. (org.). *Oxford handbook of sociology, social theory and organization studies: contemporary currents*. Oxford: Oxford University Press, 2014. p. 510–533.

STARK, David. *The sense of dissonance: accounts of worth in economic life*. Princeton: Princeton University Press, 2009.

UNDURRAGA, Tomás. Making news, making the economy: technological change and financial pressures in Brazil. *Journal of Cultural Sociology*, v. 11, n. 1, p. 77–96, 2017. DOI: 10.1177/1749975516631586.

UNDURRAGA, Tomás. Making news of value: exploiting dissonances in economic journalism. *Journal of Cultural Economy*, v. 10, n. 6, p. 510–523, 2017b. DOI: 10.1080/17530350.2017.1359794.

UNDURRAGA, Tomás. Knowledge-production in journalism: translation, mediation and authorship in Brazil. *The Sociological Review*, v. 66, n. 1, p. 58–74, 2018. DOI: 10.1177/0038026117704832.